



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11929 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

FOTOGRAFIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: POTENCIALIDADES A PARTIR DO ATO FOTOGRÁFICO

Luciene Pereira de Araújo - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Flavia Faissal de Souza - UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

FOTOGRAFIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: POTENCIALIDADES A PARTIR DO ATO FOTOGRÁFICO

Esse trabalho é o desdobramento de uma dissertação cujo objetivo foi analisar os processos de criação no ato fotográfico por dois fotógrafos com deficiência visual. Pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural de L.S. Vigotski, em diálogo com as ideias sobre o ato fotográfico por Dubois, colocamos em debate questões acerca da fotografia e seus processos de criação. Aqui, nos debruçaremos sobre as questões que permeiam a potencialidade das pessoas com deficiência visual de produzirem fotografias, problematizando questões sobre o capacitismo.

Assumimos que a fotografia, a partir da ideia do ato fotográfico, é concebida em um contexto, se fazendo em processo, não podendo sua existência ser desvinculada dessa realidade. Fazer uma fotografia está além do registro no papel ou na memória da câmera, pois antes de se chegar ao produto final foi preciso que o fotógrafo escolhesse a câmera a ser usada, o que queria fotografar, como queria fazer esse registro e de que forma se posicionaria diante do assunto escolhido (DUBOIS, 2012). Portanto, as escolhas do fotógrafo e sua subjetividade são pontos importantes para compreender que a fotografia não é só o que vemos registrado, ela é um ato no qual existe todo um processo de criação.

Nesse contexto, dialogamos com os estudos da teoria histórico-cultural e trazemos para o debate os conceitos de atividade criadora e *vivência/perejivânie*. Segundo Vigotski (2009, p. 14), “O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz a nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento.”. Assim, o autor é crítico da ideia

presente no senso comum de que a imaginação ou a fantasia são funções que não representam o real. Para ele, a imaginação manifesta-se na capacidade humana de adaptar-se ao mundo histórico-cultural em todos os campos da vida, possibilitando a criação artística, técnica e científica a partir da combinação de elementos vividos pelo sujeito, conceito de vivência/*pereživánie*, no sentido “daquilo que foi vivido”, significado e apropriado nas relações (VIGOTSKI, 2010).

Isto posto, é a partir dessas elaborações feitas acerca da vivência e do ato criativo e do ato fotográfico que podemos fazer as discussões dos modos de criação fotográfica por pessoas com deficiência visual. A fotografia apresenta um modo único de se compor, conforme as ações descritas anteriormente, a partir das escolhas do fotógrafo. O produto final dessa atividade criadora, ou seja, a fotografia, é o resultado de uma complexa elaboração interna do autor da obra e é a investigação desses processos que essa pesquisa se propõe. Nesse contexto, o “ver com os olhos” não é um fator determinante para a produção da fotografia e é tendo isso em mente que é possível falar, a partir do ato fotográfico, das potencialidades da criação fotográfica por pessoas com deficiência visual.

Para desenvolvimento do estudo, foram realizadas duas entrevistas em profundidade com dois fotógrafos com baixa visão, de modo a compreender como os sujeitos tornaram-se fotógrafos e as suas estratégias de criação no ato fotográfico. A entrevista em profundidade, semiaberta, se mostrou como um instrumento de investigação em que seria possível ouvir, a partir de quem produz fotografia, como se dá o seu processo de criação, quais são as influências nesse fazer e como essas experiências foram constituindo cada fotógrafo em sua historicidade e ainda constituem seus atos fotográficos (DUARTE, 2012).

A partir da análise, pautada na abordagem microgenética (GÓES, 2000), apontamos que são muitos os caminhos possíveis para os modos de criação da fotografia por pessoas com deficiência visual e criamos quatro categorias de análise: o sensível e a percepção dos sentidos, o ensinar a fotografar, o aparelho e a fotografia como instrumentos técnicos-semióticos e fotografia e deficiência visual: da desconfiança às potencialidades. O foco do presente trabalho é nesta última categoria, na qual foram feitas as discussões acerca do capacitismo e como isso atravessa os fotógrafos em suas profissões.

Um apontamento feito por um dos entrevistados relata explicações que às vezes são necessárias quanto ao enquadramento das suas fotos. Tais questionamentos surgem a partir de uma concepção do que deveria ser “correto” a partir de uma ideia do que deveria estar centralizado ou não em uma fotografia, quando isso se trata de uma escolha do fotógrafo. Muitas vezes o entrevistado precisa explicar que não há nada de “errado”, pois sua intenção era de fazer a foto daquele jeito.

Outro apontamento, agora pelo segundo entrevistado, trata da falta de oportunidade em exercer o seu trabalho pelas pessoas acharem que a sua deficiência é um fator limitante, ressaltando que essa concepção precisa mudar. Na medida em que ele vai ocupando espaços e

participando de eventos mundiais, sua área de interesse, as pessoas vão percebendo como esse fazer da fotografia não depende apenas da visão.

Esse enfrentamento é necessário pois ser fotógrafo, a princípio é um trabalho de pessoas detentoras do sentido da visão. E mesmo quando as pessoas têm contato com o produto do trabalho de um fotógrafo cego e percebem que não há nada de limitante para o fazer fotográfico, continuam a se questionar “como que pode uma pessoa com deficiência visual ser fotógrafo?”. Contudo, essa reflexão pode gerar uma mudança, uma vez que percebem que para se ser um bom fotógrafo não se precisa da visão.

Nesse sentido, os estudos de Moraes (2010, p. 30) nos ajudam a pensar sobre esta questão: “eficiência e deficiência não são duas realidades dadas em si mesmas, já delimitadas de antemão. Ser deficiente não é algo que uma pessoa é em si mesma. Mas algo que ela se torna, quando articulada em certas práticas”. O que se pode entender é que diferentes abordagens para uma mesma atividade podem evidenciar os impedimentos. No caso da cegueira e baixa visão, é importante distanciar-se de um olhar normativo em que pessoas com visão são colocadas como detentoras do saber sobre pessoas com deficiência visual.

Assim, por meio do ato fotográfico podemos problematizar as possibilidades de ações que ao levar em consideração as individualidades dos sujeitos, podem tornar o ato de fotografar acessível a todos. No campo educacional, aponta para propostas de educação pautadas na perspectiva da educação inclusiva de modo a superar as barreiras que provocam os impedimentos.

Palavras-Chave: Fotografia; Deficiência visual; Teoria histórico-cultural; Capacitismo.

Referências:

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução: Marina Appzenller. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, abril 2000.

MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*: MORAES, M.; KASTRUP, V. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: NAU, 2010, p. 26-51.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**; Ana Luiza Smolka comenta. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução: Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.